



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de J. A. Piacentini
rua d'Alfaudega n. 135.— Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 23 DE MAIO DE 1852.

MARIDO, MULHER, AMANTE.

Não sei se poderei divertir o leitor com um artigo sobre este^s tres cargos; primeiro porque posso ser marido, e sendo assim está claro que não farei as vezes de mulher e muito menos de amante, mas tomando a causa separadamente não me julgando em tal caso, mas sim discorrendo como posso sobre o assumpto, é do meu dever principiar e acabar.

Por *marido* entendo eu aquelle homem que se liga a sorte de uma mulher que é para ella um pai, um irmão, que deve ser o seu amparo e o seu guia, em fim que é para a mulher tudo quanto ella pode ambicionar em vila, pois que por esse acto elle se constitue sua unica familia. Agora o *marido* é uma cousa bem gostosa encarado pelo lado das delicias; elle sente a influencia da ternura de uma mulher adoravel pelas suas boas qualidades, goza do enlevo de uma alma angelica (quando elles não são alguns demonios), esquece os amargores da desventura se encontra em sua companheira a suavidade de suas fadigas e desgostos; não ambiciona outra riquesa, outra grandeza ácima da posse que desfructa; porque realmente é um paraíso. Ora faça de conta que eu sou marido e que tenho uma mulher, bem, esta dona é bonita em tudo, eu chego de fóra cansado e aborrecido do trabalho, e as veses da falta de dinheiro,

bato na porta, ella sabe que é seu maridinho, vem correndo abrir, olho para aquella carinha encantadora, já principio a me esquecer que não tenho dinheiro, que o homem não me pagou o jornal, ou outra qualquer cousa; entro, ella me tira o palito no casaca ou o que é que eu visto, e depois, ponho me a frescata, vou para a varanda, e toca a conversar. Conto-lhe meus transtornos, ella toda terna me diz — " tem possiencia meu querido, conforma-te com a vontade de Deos. não percas a esperança, a manhã seremos mais felizes — " etc etc. Ora eu confesso que ainda que não tivesse na panela feijão com carne secca só com isto estava de barriga cheia. Pela minha parte pôde cada um pensar como quizer, esse é o meu fraco: amo como doudo aquella mulher que tiver um coração sincero, puro em sentimentos, que ame a Deos sobre todas as cousas, e a mim mais que a todos os outros; só sinto não poder ser marido de quantas no mundo tem semelhantes sentimentos. Se acaso neste mundo não puder ser, talvez que no outro isso se arranje, entretanto apellamos para lá, mas com pouca pressa.

— A *mulher*, não sei se devo fallar sobre semelhante ponto, porque está bem visto, claro e provado que não sou *mulher*, mas devo dizer alguma couza. A *mulher* é a nossa ametade, a parte de nosso corpo e da nossa alma; isso todos sabem muito bem escuzado era até dizer, mas não é só isso; a *mulher* é tambem para nós o encanto e a ventura; a *mulher* é uma necessidade de nossa vida, sem ella nós não acharíamos prazer em couza alguma.

Por exemplo, comemos todo e qualquer doce achamos bem, porem se é feito e mandado por algumas mãos nhas de sangue de alguma *mulher* de quem nós gostamos, achamos deliciozo, excellente, ainda que tenha alguma perna de barata, ou que tenha pimenta e limão, como no primeiro de Abril ellas costumão fazer. Ora escentem, uma sei eu que certo sujeito que gostava della e ella não desgostava delle, mandou-lhe convidar para jantar com a familia em um dos dias do carnaval, e na meza offerceu-lhe de um guizado que ella mesma tinha preparado; o tal logo todo derretido, estendeu o prato, recebeu a porção comeu e repetio porque achou soberbo! Mas o que era? Era a carne de uma galinha que havia morrido de peste e tiras de papel de embrulho, tudo ensopado!... O sujeito comeu que não lhe achou uma espinha; porque? Era a *mulher* que elle prezava quem tinha feito, devia ser uma couza soberba! Eu tambem sou a mesma couza, dezejava que todas as mulheres de quem eu gosto estivessem sempre me mandando couzinhas, me apromtando quitutinhos para nunca mais me esquecer. E o ardor das pimentinhas? ás vezes dá uma certa sympathia que prende.

— *Amante*, é uma personagem muito interessante, tanto assim é que merece a attenção de pessoas gradas e sizudas.

O amante é um comico que reprezenta todos os papei ás vezes sentimental; outras jocozo, outras tragicó, arrebatado, humilde, fraco, e finalmente até de louco tambem faz o papel. Contudo todas estas scenas tem para o *amante* um encanto in-calculavel, e são para as outras de diversas acceptações, conforme os sentimentos que o affectão o coraçā dessas pessoas. Um acha rediculó, outro noble, outro prudente, outro julga imoral, um daqui chama de pateta, louco. ora... emfim ninguem pôde bem avaliar o bom desse estado senão quem *ama* alguma *couza* coa digna dessa influencia. Eu tambem confessô que dezelaria reprezentar todas estas seenas que apontei se achasse todos os dias pessoas e couzas dignas de me dominarem até esse ponto. E' um estado maravilhoso! Por exemplo, o que é que se pode comparar com um apertãozinho de mão, apanhado a farto, illudindo-se a negligencia daquelle que cercão e vigião uma menina bella e matadora, uma menina emfim que qualquer de nós possa gostar della? Na maior força do desespero pela grande auzencia, ir o homem apressado pela rua, e lá vir o Mercurio, eio, eio, tome lá isto que nhānhā mandou! Oh! é muito bello! Chega-se á caza pulando, abre-se, lê-se, e encontra se nessa leitura a vida para o coração que soffre, o encanto para a alma, e balsamo para a febre que devora o corpo! Ora me digão com sinceridade, ha alguma couza melhor do que isto?

— Ha que é o — dinheiro — respadeu-me quasi guritandom-me ao ouvido um maldicto uzurario.

— Pois meu amigo, e vos todas que trocaes o verdadeira existencia pela falsa vida, lhe repliquei, veão todos se com o — dinheiro — podem se resgatar do *inferno*, onde vive para sempre quem não *ama* como Deu amou ao proximo.

Rodrigues Silva.

— VIAGEM A' ESTRELLA. —

Continuação do n. 27

Hum outro de igual jaez atravessava as mesmas aguas e m- sentido contrario. Conduzia o Monarca que de vespera se recolhia á Côrte para no dia imed ato receber as felicitações do aniversario em que lhe foi devolvida a corôa. O nosso vapor parecia sub nisso, e respeitoso, batia vagarosamente, as sras rodas marchava em continencia tão Augusta que contrastava perfe tamente com essas collumnas d'Aguias d'Eudiges e Eufrates quando em honra dos louros que penhão das pontas das sias baionetas usanosas mostravão á Europa inteira as suas laminas sempre vencedoras.

Já deixamos muito pela pôpa o Augusto navegante, tremula o pavilhão Nacional, mas o vapor e eminha, com a primitiva força.

Não sabemos si o Imperial encontro, si o suave tremor das rodas que dispera n'alma como nossas mais nos acalenta-vão, si a froxidão dos pulmões produzida pelo ar, si realmente era fome, veio-nos o desejo de provarmos alguma coussa da nossa matoletagem, e como 5 cordas feridas convenientemente fazem uma harmonia, em um dos bancos lateraes de bombordo foi estendido descimetricamente.

A confortavel marmelada.

De Nantes bellas sardinhas ;

Marreco, vitella assada

Com molho de pimentinhas.

Bom vinho X. P. T. O'

Só faltou o pão de ló ;

Carneiro bello guisado

Levou avante o fricandó !

Farinha de Suruby

E pão de Napoleão

Com tristeza faltou á meza

O bom prato de feijão.

Queijo superlativo,

Do melhor que se encontrou

Bananihas brasileiras

De tudo ali se gosou ,

E mais a forte serveja

Lá de Londres importada

Acompanha na garganta

A nossa rapazeada

Até que d'Havana aparece

O charuto bem fabricado

Que completa justamente

A bella patuscada

O raucheiro mereceo a geral ovação e foi saudado com repetidas variações de um instrumento vidral cujo bocal foi por todos tocado.

A fresca viração que soprava, de certo nos convidava á folgança, e o serenar do vapor nos envolvia em suaveis nuvens , de Morphéo! Alguns dos nossos convivas enfronharão em seus palitós as malas da 1. linha do correio de Minas que partia n'aquelle dia assim revalisando com os ricos estofos e macios coxires do oriente.... n'essa monotona lethargia o tempo se nos escapava nos desvaneios dos pensamentos que a matizada vegetação do Brasil offerece ao viandante ávaro da poezia natural que de seus montes continuamente brota.

O nosso *Stopo* com quanto seja do Norte, é do Norte do novo Mundo, e por isso divergente na excentricidade dos da Europa.... não pode ver o nosso conclave, sem n'elle tomar parte.... e sem demora arremeca para um lado o seu *album privativo ou livro miscelanico* com que estava entrelado, e a nós se derige offerecendo-nos um copo do verdadeiro conhac.... a recusa foi quasi unisona, digo quasi unisona por que um certo imberbe que o havia coadjuvado para nos abordar, aceitou o convite. E myster confe sar que esse imberbe improvisadamente a nós aglomerado apesar de ser Africano, é de raça atravessada com o Bretão, e franez, desenvolvido no Céo prasenteiro do Brasil onde a docilidade fluminense tem adquerido reflexos tão vivos que as mais das vezes parece brihar com a propria luz que tanto distingue os descendentes dos Netheroys. e que apreciando devidamente o *desaipointmint*. que soffrem os do Norte com a regeição de um bom groc o aceitou; e o certo é que o conhacq foi grande para os doux mutuamente estabelecer relações d'estreita amisade durante a viagem pois com nosco pactuou o resto della, e por elle tivemos o prazer de vêr a maior amantista em forma piramidal achada nas escavações dos terrenos auriferos Kong çogo.

A' similhança deste novo agregado um após outro os mais passageiros vierão reunindo-se a o nosso já bem crescido circulo como para sentirem os raios que nos luminosos corações da mocidade, olvidada do passado, zombando do futuro, e gozando do presente. davão toda a expaçao aos motivos ainda os mais insignificantes.... pouco tempo presidio a guarda das distâncias,.... os sexos. e as idades se confundião, e uma só familia parecia que viajava no vapor d'aquelle dia para se formar uma idéa aproximada desta sociedade maritima basta dizer que em grande parte se componha dos descendentes dos P. e Tup. onde se encontra a candura, e meiguice Andalusia, o espirito comunicativo Parisiense, a altivez do Tamisa, e o senso do Rheino.... caminhavamos caminho da Estrella á Cordilheira imensa que nos prende, cada vez mais se nos aproxima. Ha muito que Santa Barbara nos ficava pela pôpa, quando o isolado convento de Santo Antonio se offerece distintamente á nossa vista, nunca das alturas da Ilha da coqueirada!

Continua.



MISCELLANEA.

— Que logro! que logro! um sujeito queria cazar, aprom-
ptou tudo, menos a mulher, aconteceu pois que apezar de ter
suns esperanças sobre certa jovemzita, pregarão-lhe o mono de
a ir cazar com outro, tudo porque a menina tem dinheiro, os
taes ganderios querem ver se arranjão *chuchadeira*.

— Uma noite destas vimos um cazo bem celebre! uma
authoridade prende um individuo por desordem e chama por uma
patrulha pelo apito para o conduzir, o homem que estava prezo
só pela voz, como visse que de patrulhas *nicles*, botou-se a
pannos, e ficou a authoridade com cara de gato corrido a bado-
que. Assim não vale a pena.

— Hontem uma pessoa encontrou algumas carroças, carre-
gadas de pedra paradas em certa rua que está muito esbura-
cada, e logo disse —“ bello, vão tapar os buracos; porem era
o contrario estavão apanhando pedras, e enchendo ainda mais
as carroças. Ora sempre tudo é ao avesso!!

— Ha um certo procurador de papeis que tem levado a
comer dinheiro de certa viúva, e a cauza ha muito tempo que
está finda.

Podia-se provar essa engulideira se houvesse alguma lei que
o obrigasse a vomitar tudo quanto tem comido. A justiça da
roça dar-lhe-hia alguma sentença de junco, mas a da cidade
dá-lhe estração aos cobres.

— O homem lá do Largo da Imperatriz fez sempre a obra
tapou o buraco em pleno dia, quando devia, uma vez que que-
ria bulir no alicerce, proceder no alinhamento; porem não houve
attenção a couza alguma. O *bom* do fiscal, ficou entupido, dei-
xou prosseguir da maneira porque o sujeito quiz, de modo que
só uma *demand*a pôde destruir aquillo. Meus amigos, outro offi-
cio, eu não os entendo com aquillo para que Vms. não prestão
nem entendem.

— Boa lembrança foi esta de carros agondolados para con-
duzir saccas, mas se esquecerão de que semelhante monstruosi-
dade vinha concorrer mais para a ruina das calçadas, para o
incommodo dos caminhantes, e talvez para novas desgraças. Ha
certas lembranças que só executadas por quem as teve, e esta
está nesse cazo, quem melhor do que o inventor poderia andar
com o trem? Por certo que o encaminharia melhor do que a
gente que vai levando os carros por pagode.

Lembramos á *moral* que se revolte contra certo *torneiro* da
rua d'Alfandega mas não é para baixo da rua da valla não, a
tal não nos comprometemos; porem a *moral* preciza de se revol-

tar a ver se o *senhor* de um preto que lá ha ~~trata~~ ao menos de lhe dar uma roupa mais conforme, e alguma esfregação de casca de coco no corpo para ficar mais decent. Com effeito ha certa gente que julga dever tirar do pobre escravo até ao sangue para fazer conserva, e lucrar com isso.

MOTTE.

A Marmota desta Corte
Deu à luz um ~~g~~ Boticario.

GLOZA

Conspirou-se a dura sorte
Contra o bom prosp'ro Diniz,
Quasi lh'esmurra o nariz,
A Marmota desta Corte;
Esteve as portas da morte,
Este vate imaginario,
Mas vingou-se do contrario
Com o tacão d'uma bota
F para matar a Marmota
Deo a luz um Boticario

OUTRA

O terrivel braço forte
Bateo a linda plumagem
Arceo com esta passagem
A Marmota desta Corte;
Navega do Sul ao Norte
O protento extraordinario
E qual Roberto Macario
Invade este territorio
E n'um transporte amatorio
Deo a luz um Boticario

O Resina.

QUADROS

Damos publicidade a estes versinhos por termos farto da mão de certo sujeito primo da poetiza, que veio á cidade fazer o seu casamento.

Digão e notem o que quizer enda um nós diremos, a menina tem queda para a couza.

M. L. Q. B.

Promita a Deos que tu Sejas
feliz com teu novo estado,
eu fico pedindo aos Ceos
para serem bem amados,

He uma auzença cruel
apartar-mos em este dia,
a Deos meu primo José,
a Deos prima Maria,

Aqui de tu me despresso
porque váz para a cidade,
eu fico fazendo Suplicas
por vossas felicidades.

Queria que me prometesses
que quando tu Lá chegar,
que aomenos por um momento
de mim tequeiras Lembrar,

Pesso-xos que não te esquessas,
desta tua Prima e amiga
Sivocê Sesquecer
Cauza-me grande fadiga.

C. R. S.

A evplicacões das charadas: do n. 24 é:— 1. Estouro; 2. Pôrfido,— A das do n. 25 é:— 1. Lusitano; 2. Surdo mudo.— A da do n. 26 é:— Crisolito.

A PROTECÇÃO DO REI.

Les Prés-aux Clerfs era uma caza, palacio ou antes serralho real, aonde erão recolhidas todas as moças que tinham a desgraça de serem formosas, fosse qual fosse sua condição ou nascimento, para servirem aos prazeres de Luiz XV. Teve por fundadora, a valida Madama Pompadour, que falta de encantos e de meios para entreter o seu real amante, teve a feliz lembrança de instituir aquelle depósito de bellezas, para por meio d'elle manter o seu favor.

Depois deste esclarecimento preciso para o que se vai ler, entremos em materia. A historia que passamos a contar não é imaginaria, filha de nossa imaginação, é um facto, é um successo, a darmos crédito ao author que temos diante dos olhos, quando isto escrevemos.

Havia em S. Germano um velho gentil-homem, muito pobre, Mr. de Senesse. Tinha uma unica filha, modelo de virtude e belleza, que havia sido pedida em casamento por um rendeiro chamado Poincelet. Era um bom homem, rochuchudo, honrando-se com a sua fortuna, que na verdade era immensa, e não tendo outra ambição senão ser feliz, quanto lhe fosse possivel, bem diferente nisto de muita gente, que não são felizes senão quando sua ambição é satisfeita.

O partido era vantajoso para a menina, e como Mr. de Senesse, inda que adorasse a filha, era absoluto em sua vontade, declarou-lhe positivamente, que em Janeiro proximo, ella havia de ser a espoa de Mr. Poincelet.

Estava-se então em outubro.

Amelia de Senesse recebeu esta ordem, como estava acostumada a receber todas as que lhe dava seu pai, em silencio, e com os olhos baixos; porém quando se vio só, desfez-se em lagrimas, e jurou, morrer antes do que chegar a ser Madama Poincelet.

A objecção contra Poincelet não era directamente feita ao rendeiro: seu nascimento obscuro não lhe lembrou se quer uma só vez: entretanto elle não era mal parecido para marido, era de um humor franco e amavel, e tinha muito espirito para um rendeiro, e amava a Amelia até á adoração.

O pezar que cauzava a Amelia de Senesse a ordem paterna, tinha um motivo inteiramente estranho ao merecimento do futuro que lhe propunhão.

Havia uma cobra occulta na relva.

Um moço mosqueteiro, que havia sido recommendado por seu pai moribundo a Mr. de Senesse, vinha a miúdo a caza do pobre gentil-homem.

Amou Amelia, e foi por ella correspondido; e este amor durava ja desde 2 annos, nutrido somente com suspiros, e olhares ternos como os amorosos da opera comica.

Amelia, que reunia a uma grande ignorancia das couzas do mundo um sentido muito recto, e um instincto muito seguro, não se illadia sobre a sorte de seu amor.

Mr. de Noirat, era o nome do mosqueteiro, era ainda mais pobre que Mr. de Senesse, e ella tinha ouvido repetir muitas vezes a seu pai, que elle não daria sua filha, senão a um homem cujos teres, e posição lhe tirassem toda a inquietação, quando chegasse a hora da sua morte.

Até ao dia fatal em que Mr. de Senesse aceitou a Mr. Poincelet por genro, Amelia se tinha emballada com o pensamento romanesco de ficar solteira, já que não podia pertencer aquelle que amava. Sua falta de fortuna lhe permittia, até certo ponto, acreditar na possibilidade deste celibato eterno; mas uma moça não é nunca pobre, e Amelia de Senesse era adoravelmente bella.

Pode-se julgar do desespero da pobre moça, quando seu pai lhe significou sua vontade: chorou muito, mas depois com o grande juizo que a carectirisava, ella sentio que suas lagrimas não servirião para couza alguma, e fez proposito de apparentar resignação, esperando que as circumstancias lhe permittissem trabalhar com fructo, e conjurar a tempestade, que a estava ameaçando.

A principio ella quiz dirigir-se ao proprio Poincelet, mas um amplo conhecimento do individuo, demonstrou-lhe que era um passo inutil: Poincelet amava-a, e para os homens de ideas curtas (nós dissemos que elle não era imbecil, mas estava longe de ser aguia) a maior somma de felicidade está na satisfação de um desejo fortemente sentido; e como elle amava Amelia até a perder o juizo, era bem facil que elle fosse de má composição, e que não cedesse a sua posse a quem quer que fosse.

Os sentimentos delicados de que elle não era falso, serião mudos ante a realisaçao da idéa de sua felicidade.

Amelia comprehendeu tudo isto, e guardou em si a confidencia que ella pretendia fazer a seu futuro.

Depois de reflectir com todo o socego, depois de mil combates interiores entre o amor e o dever, ella fixou-se a um meio termo, que lhe quiz parecer conciliar o que ella devia á honra, e ao juramento que ella tinha feito a seu amante, de não ser de outro, se não podesse ser dele.

Mr. de Noirat que tinha tido o procedimento de um homem civil ante Amelia de Senesse, recebeu esse juramento sem lhe dar a menor importancia, porque ainda que as suas relações com a moça fossem cheias de pureza, elle era muito mosqueteiro para não saber o grão de fé, que devem merecer juramentos de igual natureza.

Amelia de Senesse não disse a Mr. Noirat a que meio termo ella pretendia recorrer, porque receiava suas objecções, e não se sentia talvez com força de distrui-las.

Reservou pois toda a sua coragem, para não enfraquecer na presença de seu pai; e uma manhã Mr. de Senesse recebeu o recado, que sua filha queria fallar-lhe.

Amelia apresentou-se diante de seu pai com um portamento respeitoso, mas seguro.

“ Meu pai, lhe diz ella, espero que vós não levareis a mal o que venho dizer-vos. Vós quereis cazar-me a Mr. Poincelet, e eu

tenho longamente interrogado meu coração, e vindo no conhecimento que não tenho inclinação para o casamento..." Havia uma pequena reticencia, ella queria accrescentar " o casamento com Mr. Poincelet. E se fôr de vosso gosto, eu antes entrarei em um convento."

Mr. de Senesse não era jesuita, nem jansenista, era simplesmente um bom catholico, e ainda que seguisse exactamente os deveres da religião, não fazia misterio da extrema repugnança, que tinha á vida monastica. Julgue-se o effeito, que produzirião sobre elle as palavras de sua filha.

" Em um convento ! esclamou elle, estás louca, Amelia ? ! "

Amelia julgou ainda a proposito fazer uma pequena reticencia, e não dizer: " E' porque estou louquinha por Mr. de Noirat, que eu quero ir para o convento." Limitou-se a uma resposta evasiva.

" Na situação em que estou, juro-vos, meu pai, que o que vos pesso, é o objecto de meus desejos mais ardentes."

— E porque não quereis desposar Mr. Poincelet ?

— Por que não o amo.

Mr. de Senesse era um homem muito justo para responder a sua filha: " Que importa isso ? "

Mordeu os beiços, e depois de um instante de reflexão, replicou :

" Mr. de Poincelet ama-te apaixonadamente, e o teu casamento com elle, é um casamento de conveniencia, que tem tudo que se faz preciso para tua felicidade. Depois eu dei minha palavra, accrescentou elle, satisfeito sem duvida de ter achado uma palavra para responder ao terrivel *eu não o amo*, de sua filha.

Deu as costas a Amelia, e deixou a pobre moça convencida, que não havia meio algum de poder evitar seu casamento com Poincelet.

Alguns dias depois, o gentil-homem e o rendeiro tomavão tranquillamente o café ao canto do fogo. Amelia os tinha deixado conversar, e insensivelmente a conversação se tinha feito mais livre : elles se contavão mutuamente historias um pouco galantes, e quando Amelia de Senesse voltou ao salão seni que o barulho de seus pés trahisse sua presença, Mr. Poincelet perguntava a Mr. de Senesse :

" E que foi feito della ?

— Ella se poz sob a protecção do rei, que a fez entrar no Parc-aux-Cerfs.

— Ella não perdeu nada com isso, disse Mr. Poincelet rindo-se.

Mr. de Senesse que viu sua filha, fez um signal a seu futuro genro e começarão uma partida de Gamão.

As poucas palavras ouvidas por Amelia, derão-lhe que pensar, quando voltou a seu quarto. A protecção do rei lhe apareceu como um auxiliar que ella podia oppôr com toda a segurança ao poder paterno.

Ao outro dia achando-se só com Mr. de Noirat, do qual a prudente paixão tinha sabido tão bem se conduzir, que nem Mr. de Senesse nem Poincelet suspeitavão, que elle tivesse alguma parte na recuza de Amelia. A moça diz repentinamente a Mr. de Noirat:

" Henrique, o que é o Parc-aux-Cerfs ? ! "

Se Amelia tivesse feito á queima roupa a Mr. de Noirat a mais

equivoca das proposições, este não ficaria por certo mais estupefacto. Todo mosqueteiro que elle era, não pôde deixar de corar, e olhou para Amelia sem lhe responder.

“ Vós não me quereis dizer, diz com um ar de finura Amelia, mas eu já o sei pouco mais ou menos: comtudo quizera saber-o com certeza. Dizei-me Henrique, e para vos tranquilizar, acrescentou ella enrubecendo, porque sentia que ella dizia uma mentira, eu vos protesto que não tenho desejos de lá entrar.

Mr. de Noirat hia de espanto a espanto! Emfim elle se explicou a verdade, a moça ignorava completamente o alcance de suas palavras, e morreria de vergonha e de medo se lhe dissessem qual era o lugar, de que ella fallava com tão pouco rebuço.

“ E' um Mosteiro, diz Mr. de Noirat, encantado de ter achado que responder sem ter recurso a periphrases, das quaes elle não tinha certeza de sahir-se bem.

— “ Obrigada, diz Amelia toda alegre, eu bem o sabia disse ella no fundo do coração; é por isso que elle não queria dizerm'o.”

Havião 8 dias, que esta pequena scena se tinha passado entre os dois amantes, quando se soube em S. Germano que o rei devia caçar ao outro dia na floresta.

Mr. Poincelet estava em Pariz, Mr. de Senesse estava com a gotta. Amelia pedio a seu pai licença de ir com Henrique ver passar os caçadores, se estivesse bom tempo. O jovem como dissemos, era como um filho de caza, Mr. de Senesse não teve pois objecção alguma a fazer a esta proposição, e ao outro dia de manhã, os dois moços caminharão através da floresta ao encontro da caça.

Não era a primeira vez, nem mesmo a centezima, que Amelia se via só nos bosques com o mosqueteiro; mas a ignorancia da moça tinha sido protegida sempre pela honra de Henrique, e por sua propria confiança. Amelia era tão pura aos dezoito annos, como se costuma ser aos seis. Sua pergunta respeito ao Parc-aux-Cerfs é uma prova sufficiente.

Em todo o caminho, Henrique notou-lhe um ar grave, de que elle se queixou com amor e ternura. Amelia lhe respondeu de sorte a fazel-o crer, que seu casamento com Poincelet era a causa de sua tristeza: e acrescentou:

“ Henrique, me perdoarás se daqui a pouco eu fizer alguma couza que te cauze pena?”

Henrique sentio a esta questão, acordar-se-lhe um pensamento de que tinha sido assaltado mais de uma vez, e ao qual elle não tinha ouzado dar muito apreço, ainda que elle lhe tivesse voltado com muita teima. Elle muitas vezes tinha dito consigo mesmo, que a delicadeza que elle se tinha imposto, de se conduzir com aquella que elle amava, como se fosse sua irmã, podia bem ser menos obligatorio, se ella trocasse seu véo virginal pelos enfeites de uma mulher cazada: a filha de Mr. Senesse tinha direito a respeitos, dos quaes não lhe parecia ser muito criminoso prescindir para a espoza de Mr. Poincelet.

(Continua.)